

Apresentação:

O presente número da Revista *Iluminuras* traz como pauta o tema das paisagens urbanas e as dinâmicas da cultura que a organizam, moldam e configuram a vida metropolitana segundo suas formas específicas tais quais as conhecemos hoje ou que herdamos de nossos antepassados. O artigo que abre esta publicação “A cidade como sede de sentidos” já contempla em si mesmo uma provocação. As autoras trazem para o leitor uma análise sobre a representação coletiva dos tempos em Porto Alegre investigando as suas pistas e vestígios no âmbito de uma rítmica do viver urbano onde se situam a trajetória de vida de seus habitantes. O artigo aborda um estudo de caso: o patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Campus Centro) como memória de território-mito, visto aqui, portanto, desde a perspectiva de um bem intangível.

O segundo artigo, apresenta os resultados de pesquisa antropológica desenvolvida no interior do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV, sobre as produções de coleções etnográficas sonoras como parte da pesquisa com memória coletiva, cotidiano, formas de sociabilidades e itinerários urbanos nas grandes metrópoles contemporâneas, em particular, na cidade de Porto Alegre. As autoras apresentam algumas conclusões dos últimos três anos de estudo em torno das feições sonoras de determinados territórios urbanos porto-alegrenses, das intensidades das atmosferas e ambiências sonoras que configuram as suas formas de vida social e dos rintos e melodias que acompanham as comunicações verbais entre seus habitantes. O artigo traz uma perspectiva original para pesquisa em torno do estatuto da representação etnográfica para a produção do pensamento antropológico, fazendo uso de inúmeras abordagens clássicas da cidade moderna: a idéia da exacerbação dos sentidos (Simmel, 2004), da exaltação do sensível (Sansot, 1986) o do sensualismo coletivo (Maffesoli, 1990), do realismo sensorial (Durand, 1984), enfim, expressões apontadas por inúmeros autores para tratar os fenômenos que configuram a experiência da vida humana nas grandes metrópoles moderno-contemporâneas.

Na seqüência, apresentamos o artigo “As variações “paisageiras” na cidade e os jogos da memória”, onde a autora apresenta alguns dos principais pressupostos que orientam a prática da pesquisa em Antropologia urbana do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV, ou sejam o estudo etnográfico das formas do tempo sobrepostos e configurados nos jogos da memória dos habitantes das grandes metrópoles contemporâneas. Segundo a autora, estamos, assim, no âmbito dos estudos das variações paisageiras na arte do viver na cidade, do agir e do narrar captado em vídeos etnográficos, em narrativas fotográficas, em etnografias sonoras e etnografias escritas. Nestas variações paisageiras, o desafio é a arte de narrar a vida urbana desde as intrigas tecidas por uma memória coletiva e a qual todo o etnógrafo que pesquisa com sociedades complexas necessita aderir ao evoca-la desde as práticas sociais e os sentidos de jogar o social. O antropólogo ao tratar, portanto, do tempo vivido narrado por seus habitantes esta, portanto, operando com processo de estetização da vida cotidiana pela pluralidade de formas sociais com que as práticas e saberes dos seus habitantes se apresentam, num movimento constante de evocação das imagens de suas experiências de viver as paisagens urbanas no fluxo do tempo.

É também na trilha da compreensão da polifonia das formas que constituem a estética da desordem no interior da vida social das grandes sociedades urbano-industriais, o artigo “A poeira do tempo e as cidades tropicais, um ensaio interpretativo do patrimônio

e as dinâmicas da cultura em sociedades complexas” toma aqui a cidade de Porto Alegre como expressão de uma cultura urbana "tropical", em sua trajetória de desvio a propósito de uma estética moralista baseada nas imagens da ordem, da harmonia e do equilíbrio para os arranjos dos fenômenos da vida social no seu interior. Um dos desafios a que se propõe a autora é fazer o leitor refletir sobre o complexo quadro que orientam as ações culturais dos poderes públicos no que tange as políticas de valorização dos bens tangíveis e intangíveis do mundo urbano brasileiro e as suas dificuldades em operar com o contexto de superposição espaço-temporal que marca a vida urbana no Brasil.

Refletido sobre a agitação do tempo que os espaços da contemporaneidade traduzem, a autora do artigo “Nas urdiduras do crivo, tramas de memórias femininas” reflete sobre as possibilidades de tais espaços acolherem o tempo longo e necessário para crivar o crivo, uma vez que para que as urdiduras de suas tramas se realizem há que se desenvolver uma exigente técnica de controle do tempo. Assim, este artigo fala sobre as mulheres criveiras de Ganchos no sentido de sua relação com o trabalho que realizam. Que implicâncias temporais estão aí inseridas, que exercícios de memória se ocultam por trás das tramas que criam o crivo. Que processos imaginários são anteriores ao surgimento de imagens no tecido que é crivado? Neste estudo, matéria e memória se entrelaçam, tempo e imaginário se entrecruzam. A autora se pergunta, como o fará o leitor, se seria possível se prever quantas gancheiras perderão a possibilidade de exercer uma memória criadora como configuradora do ser criveira na contemporaneidade.

Finalizando este volume da Revista Iluminuras trazemos para o leitor o artigo “O velho, o antigo e o novo: um ensaio sobre a construção da antiguidade em objetos comercializados em antiquários em Porto Alegre, RS”, onde a autora nos revela os meandros do mercado de antiguidades da cidade de Porto Alegre, desde o consumo de objetos oriundos de heranças e espólio de antigas famílias porto-alegrense que, ao final de todo um longo processo, acabam por ser comercializados em antiquários da cidade. O tema da globalização, do velho e do antigo, e da lógica do mercado de bens simbólicos acabam por entrelaçar a compra e venda de tais objetos em antiquários ao processo de desagregação de estilos de vida de antigas famílias locais, os quais serão, logo após, re-apropriados dentro dos novos padrões de vida de famílias de camadas médias urbanas desta grande metrópole, num fluxo de sentido rico e complexo para os estudos do patrimônio e da memória em sociedades complexas.

Desejamos com isto que o leitor aprecie este volume da Revista Iluminuras, e possa enriquecer suas pesquisas e estudos a partir do material etnográfico propostos pelos autores em seus artigos.

Ana Luiza Carvalho da Rocha